

**IMPERATRIZ,
ADÚLTERA,
LIBERTINA**

MESSALINA

**A VIDA DA MULHER
MAIS ESCANDALOSA
DA ROMA ANTIGA**

HONOR CARGILL-MARTIN

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

**IMPERATRIZ,
ADÚLTERA,
LIBERTINA**

MESSALINA

**A VIDA DA MULHER
MAIS ESCANDALOSA
DA ROMA ANTIGA**

HONOR CARGILL-MARTIN

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Honor Cargill-Martin, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Copyright da tradução © Ana Maria Fiorini, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: *Messalina: a Story of Empire, Slander and Adultery*

Preparação: Leandro Ranieri
Revisão: Ana Maria Barbosa e Ligia Alves
Diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Renata Spolidoro
Imagem de capa: Federico Faruffini. *The orgies of Messalina* (1867). Wikimedia Commons

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cargill-Martin, Honor
Messalina : imperatriz, adúltera, libertina : a vida da mulher mais notória da Roma Antiga / Honor Cargill-Martin ; tradução de Ana Maria Fiorini ; revisão técnica de Sarah Azevedo. -- São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
384 p. : il.

Bibliografia
ISBN 978-85-422-3171-7
Título original: Messalina: a Story of Empire, Slander and Adultery

1. Messalina, Valéria, -48 2. Imperatrizes – Roma – Biografia 3. Roma – História – Cláudio, 41-54 I. Título II. Fiorini, Ana Maria III. Azevedo, Sarah

25-0121

CDD 937.07092

Índice para catálogo sistemático:
1. Imperatrizes – Roma – Biografia

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

I

UM CASAMENTO E UM FUNERAL

“E assim a Casa do Príncipe estremecera...”

Tácito, *Anais*, 11.28

A história da queda de Messalina, da maneira como Tácito a conta, é mais ou menos assim.¹

O cortejo nupcial, que saía do palácio imperial, no Palatino, estava a toda. O ano de 48 d.C. já chegara ao início do outono, mas as noites na cidade de Roma ainda eram agradáveis o suficiente para uma celebração ao ar livre. A noiva usava o tradicional véu amarelo e vermelho, coros de homens e mulheres entoavam cânticos a Himeneu, o deus do casamento, as testemunhas estavam reunidas, os convidados eram festejados e banqueteados. Não se poupou nas despesas. Essa era uma festa de casamento memorável.

Era uma infelicidade, então, que a noiva já fosse casada. E era particularmente uma infelicidade que o homem com quem ela já estava casada fosse o governante supremo da vasta maioria do mundo conhecido. Entrelaçada ao belo e jovem nobre e cônsul eleito Caio Sílio, no leito conjugal enfeitado com grinaldas, estava Messalina, imperatriz de Roma e legítima esposa de Cláudio, imperador de um território que se estendia da ilha da Bretanha até os desertos da Síria.

Messalina e Sílio não tinham sido nada sutis na celebração de seu amor, e isso em uma cidade onde, nas palavras do historiador Tácito, “tudo se sabia e nada se calava”.² E em nenhuma parte esse impulso inato

de Roma para a intriga era mais pronunciado que na extensa, opulenta e implacavelmente competitiva corte imperial, em que, desde seu surgimento, cerca de oitenta anos antes, rumores e escândalos tinham sempre sido questões de vida ou morte. E enquanto Messalina e Sílio dormiam, para se refazerem do vinho e do sexo, mensageiros a cavalo partiam pela Porta Trigêmeina, tomando a Via Ostiense para sudoeste, passando pelos postos de controle pretorianos, na direção de Óstia.

Em meados do século I d.C., era a cidade portuária de Óstia que mantinha Roma funcionando. Cerca de 25 quilômetros a sudoeste da capital, era aqui que diariamente legiões de trabalhadores descarregavam as cargas que chegavam de todo o Mediterrâneo e além, para então empilhá-las nas barcas que subiam o Tibre em direção à cidade populosa e a seu 1 milhão de consumidores. Era por Óstia que os romanos abastados punham as mãos nas pérolas do golfo Pérsico, na prata espanhola, nos perfumes do Egito, nas especiarias da Índia e nas sedas chinesas. Esses luxos haviam tornado a cidade e seus comerciantes incrivelmente ricos, mas havia outro comércio mais importante em ação, do qual talvez dependesse a coroa do imperador ou até mesmo sua vida.

Foi a preocupação com a oferta de milho – que chegava pela grande rota comercial, permitindo que 1 milhão de romanos fossem alimentados pelas planícies de inundação do Egito – que levou Cláudio à cidade portuária naquele outono em particular. Ele devia rever os arranjos logísticos e conduzir os sacrifícios destinados a garantir a segurança dos navios que partiam de Alexandria abarrotados com as cargas de grãos do Delta do Nilo que manteriam a população urbana adequadamente alimentada e politicamente comportada durante o inverno. Em vez de aparecer ao lado do marido como primeira-dama, a imperatriz Messalina alegou estar doente e permaneceu em Roma.

Os mensageiros que chegaram aos portões de Óstia trazendo a notícia do “casamento” de Messalina e Sílio não ousaram se aproximar do imperador. “Não mate o mensageiro”, afinal de contas, se torna mais uma súplica do que uma expressão quando o destinatário controla o maior exército da Terra e a mensagem diz que sua esposa está se casando com outra pessoa. Em vez disso, os mensageiros foram diretamente aos conselheiros de Cláudio: Calisto, Narciso e Palas. Antigos escravos do

imperador que ascenderam meteoricamente para se tornarem os mais próximos e poderosos confidentes políticos de Cláudio, eles estavam entre os mais bem-sucedidos no jogo da política da corte que Roma já vira.

A notícia apresentava aos libertos imperiais um problema sério. Se Messalina havia celebrado um casamento de maneira tão flagrante, os libertos concordaram que não podia haver dúvida sobre o próximo movimento dela: os amantes haviam mostrado suas cartas a tal ponto que aquilo só podia ser o início de um golpe. Caio Sílio era o tipo de homem que *poderia* ser imperador. Tinha o sangue tão azul quanto possível, carisma e uma aparência bela e nobre, e uma inteligência afiada pela melhor educação que o dinheiro conseguia comprar. O jogo político era um que Sílio podia e estava disposto a jogar: ele já havia sido escolhido para ocupar o cargo de cônsul no ano seguinte. Messalina, eles adivinhavam, planejava derrubar Cláudio, fazer Sílio adotar seu filho Britânico e instalar o amante no trono imperial. Aquilo não era um mero romance; era uma conspiração para derrubar o imperador. Para salvar Cláudio, Messalina teria de partir.

Mas como dar a notícia ao imperador? Os conselheiros de Cláudio sabiam que Messalina o dominava; ou melhor, todos sabiam. O imperador, envelhecido, estava evidentemente tão apaixonado por sua jovem esposa quanto sua jovem esposa por Caio Sílio. Se ele a visse, seria o fim do jogo. Cláudio não podia ouvir o que ela tinha a dizer de jeito *nenhum*. Quanto mais discutiam o assunto, mais claro se tornava para os conselheiros que, por mais fortes que fossem as evidências contra Messalina, sua queda não estava garantida. Palas se retirou, Calisto aconselhou cuidado e espera, o que dava mais ou menos na mesma. Assim, recaiu sobre Narciso a tarefa de encontrar uma maneira de informar Cláudio a respeito da traição de sua esposa. Ele precisava agir com rapidez. Messalina, ele decidiu, não podia receber nenhum alerta sobre as acusações contra ela. Mas de quem viriam as primeiras acusações? Não dele, é claro; ele tinha coisas demais a perder.

Em vez disso, Narciso recrutou duas das amantes favoritas de Cláudio, Calpúrnia e Cleópatra – o amor pela esposa nada tinha feito para induzir o homem mais poderoso do mundo à monogamia, o que talvez não surpreenda. Ouvir de duas amantes suas os rumores sobre a traição de sua esposa, esperava Narciso, atenuaria o golpe no orgulho do

imperador. Fazer Calpúrnia e Cleópatra darem o primeiro passo também permitiria ao liberto um tempo precioso para avaliar a reação de Cláudio antes que ele, Narciso, sujasse suas mãos. Em troca, sugeriu a elas, bastava que as mulheres pensassem nos presentes, nas oportunidades, na influência, no poder e até mesmo na posição que poderiam ganhar com a queda da esposa de seu amante. Narciso presumiu com segurança que a ironia de usar duas amantes do marido para acusar a esposa deste de adultério não seria percebida por Cláudio.

Calpúrnia e Cleópatra não tiveram dificuldade em conseguir uma audiência privada com o imperador. Assim que os três ficaram sozinhos, Calpúrnia, aos prantos, se atirou aos pés de Cláudio e declarou que Messalina havia se casado com Sílio na noite anterior em Roma. Incrédulo, o imperador se voltou para Cleópatra, que assentiu e disse a ele, conforme o combinado, que chamasse Narciso. O liberto foi anunciado e confirmou que os rumores eram verdadeiros. Disse a Cláudio que todos haviam testemunhado o casamento de sua esposa – o povo, o Senado, os soldados –, e que, a não ser que ele agisse logo, o novo marido de sua esposa tomaria a cidade.

Cláudio convocou seus conselheiros. O conselho mergulhou no caos, e os cortesãos – todos eles com interesses concorrentes e muito a perder – gritavam uns sobre os outros. Em pouco tempo ficou claro, no entanto, que o conselho estava seriamente preocupado com a situação e considerava que a ameaça ao governo de Cláudio era potencialmente existencial. Concordaram que não havia tempo a perder e que o imperador deveria se dirigir diretamente ao exército. Sua posição com a elite das legiões pretorianas era crucial; sendo os únicos soldados acampados dentro dos limites da cidade de Roma, eles mantinham a ordem e tinham o poder de fazer e desfazer imperadores. A vingança pessoal poderia ficar para depois, quando houvesse certeza sobre a lealdade do exército e a posição de Cláudio estivesse assegurada.

Cláudio foi dominado pelo pânico. Diz-se que perguntou repetidas vezes se Sílio ainda era seu súdito e se ele, Cláudio, ainda detinha o controle de seu império.

De volta a Roma, Messalina e Sílio continuavam a festejar. O outono havia chegado a seu doce apogeu, e eles celebravam com um novo nível

de extravagância e devassidão. O palácio foi preenchido por prensas de vinho, cada uma delas produzindo um fluxo contínuo da bebida, enchendo os tonéis transbordantes com mais rapidez do que os convidados da imperatriz eram capazes de esvaziá-los. Os convivas compareceram vestidos de bacantes – as selvagens seguidoras de Baco, deus do vinho –, com grinaldas de videira e peles de animais. E inclusive se comportavam como bacantes, descontrolados, dançando em êxtase e liderando um coro estridente de cantos ritmados.

Messalina surgiu como sua líder, com o cabelo escuro caindo sobre os ombros, e Sílio a seu lado, envolto em hera e calçando os coturnos usados pelos atores nas tragédias antigas. Essa adição a seu traje se mostraria bem apropriada, considerando o rumo que os acontecimentos estavam prestes a tomar.

O vinho, a bebida e o calor do final do outono devem ter formado uma mistura inebriante. Em determinado ponto da noite, Vettius Valens, médico da imperatriz e um de seus ex-amantes, saiu da multidão e escalou uma árvore alta. A cidade de Roma, os montes circundantes e seus campos se estendiam abaixo dele, até o litoral. Enquanto ele se agarrava aos galhos mais altos, a multidão clamava por saber o que o homem conseguia ver. Era engraçado, ele disse, mas parecia que uma tempestade terrível se formava sobre Óstia.

Não tardou muito para que a natureza daquela tempestade se revelasse. Apesar das ordens de Narciso de que a imperatriz nada soubesse das acusações contra ela, começaram a chegar mensageiros de Óstia com a notícia de que Cláudio sabia de tudo, que já estava a caminho, que estava decidido a se vingar. A festa acabou. Os convidados tombavam uns sobre os outros na tentativa de partir, de se distanciar o máximo possível do confronto prestes a ocorrer. Messalina e Sílio partiram também: ele se dirigiu ao Fórum, para cumprir seus deveres públicos e mostrar a cara como se nada houvesse de errado; ela buscou abrigo nos chamados Jardins de Lúculo, no monte Pinciano, uma aquisição recente.

Enquanto isso, centuriões chegaram ao palácio, e todos os convivas remanescentes ou que tentavam se esconder foram presos. Quando a notícia de que seus associados estavam sendo detidos alcançou Messalina, ela entrou em um frenesi. Ordenou que seus filhos com Cláudio – Cláudia Otávia, com 9 anos, e Britânico, com quase 8 – fossem enviados

diretamente ao pai. Também apelou à Vestal Vibídia – a mais antiga das sacerdotisas virgens que cuidavam do fogo simbólico do Império e gozavam de extraordinários poderes de intercessão legal – que implorasse por ela junto a Cláudio.

Por fim, a própria Messalina se pôs a cruzar a cidade a pé, acompanhada somente de três servidores leais, subitamente isolada em meio à multidão urbana. Estava certa de que, se pudesse ao menos ver seu marido – ou, talvez, se seu marido pudesse ao menos *vê-la* –, a situação se resolveria. Chegando aos portões da cidade, a imperatriz pegou carona no único veículo que a aceitou: partiu para Óstia na traseira de uma carroça de lixo de jardim.

Enquanto percorriam a estrada de Óstia para Roma, o humor na carruagem de Cláudio era tenso. O imperador estava em conflito. Em um momento desandava a falar sobre o comportamento dissoluto de Messalina e a denunciar sua infidelidade; no seguinte, demorava-se nas memórias de seu casamento, sua relação e seus dois filhos. E agora, exatamente como Narciso havia temido, Messalina podia ser vista. Lá estava ela, no meio da Via Ostiense, chorando e gritando, implorando ao marido, em nome de Britânico e Otávia, que a escutasse.

Narciso gritou mais alto que ela, enumerando seus crimes, citando Sílio, descrevendo os detalhes sórdidos de seu romance e de seu casamento. Durante todo o tempo, ele passou a Cláudio documento após documento relatando as supostas devassidões de sua mulher. Ele sabia que, com Messalina à vista, não era só a mente de Cláudio, mas também seus olhos, que precisavam de distração. O tempo todo, o imperador permaneceu estranhamente quieto. Ele viu sua esposa, aceitou o dossiê de Narciso, mas não disse nada.

A cavalcada continuou na direção de Roma. Ao se aproximar dos portões, Britânico e Otávia tentaram alcançar o pai. Narciso simplesmente mandou retirá-los. Foi menos fácil se livrar da Vestal Vibídia. Ela exigiu que concedessem a Messalina julgamento e defesa, recusando-se a partir até receber garantias de que a imperatriz os teria. Narciso prometeu que o imperador ouviria sua esposa, é claro; haveria oportunidade para que ela rebatesse as acusações, se tal coisa fosse possível, no

dia seguinte. Enquanto isso, Vibídia recebeu a ordem de regressar ao templo e cumprir seus deveres religiosos.

Já na cidade, Narciso levou Cláudio diretamente à casa de Sílio e ofereceu a ele uma visita guiada. No vestíbulo, exposta em meio às outras representações de seus ancestrais, via-se uma efígie do pai de Sílio – o mesmo pai que havia sido acusado de tramar uma rebelião contra o imperador Tibério.* Diante da condenação certa, o pai de Sílio tinha cometido suicídio, e o Senado confiscara boa parte de suas propriedades, ordenando a destruição de suas imagens. Que seu filho exibisse sua representação era sem dúvida uma contravenção direta do decreto senatorial, mas também poderia ser interpretado como uma declaração de intenção revolucionária. A visita prosseguiu. Narciso mostrou a Cláudio peças de mobília que um dia tinham estado em *seu* palácio, e relíquias de família herdadas de *seus* ancestrais, os Drusii e os Neronas: presentes roubados que só podiam ter sido dados a Sílio pela esposa de Cláudio.

A ira de Cláudio, que vinha fervilhando em seu silêncio, agora transbordava, explodindo em ameaças e maldições contra sua esposa e o amante dela. Narciso escoltou o imperador diretamente ao campo pretoriano. Os soldados já estavam lá, reunidos e prontos para o encontro que Narciso havia organizado. Os homens acusados também estavam lá – capturados, acorrentados e aguardando o julgamento. Cláudio não proferiu um de seus discursos habituais, longos e cheios de divagações: nessa ocasião, ele falou apenas umas poucas palavras, ponderadas com cuidado, e escondeu as emoções o melhor que pôde.

A reação das legiões pretorianas não correspondeu ao tom comedido do discurso de Cláudio. Um grande clamor se ergueu das fileiras. Em ondas de gritos enfurecidos, eles exigiam saber os nomes dos envolvidos e assistir à punição adequada.

Sílio foi o primeiro. As acusações contra ele foram lidas, e não se fez nenhuma tentativa de refutá-las. Como seu pai, ele sabia que ser acusado de um crime contra o imperador só podia significar uma coisa, e o caso – julgou Sílio corretamente, ao olhar para a multidão de soldados

* As acusações são geralmente reconhecidas pelas fontes antigas como falsas e inventadas por razões políticas.

que o cercava – já estava decidido. Ele só rogou por uma morte rápida. Foi um pedido pronto e imediatamente concedido.

A morte de Sílio foi a primeira de uma eficaz corrente de execuções sumárias. Diversos equestres ilustres e abastados seguiram o exemplo de Sílio, aceitando sua execução com coragem. Primeiro, Tício Próculo foi trazido. Ele havia sido nomeado por Cláudio acompanhante de Messalina, responsável por protegê-la de atentados contra sua modéstia, sua castidade e sua fidelidade. Não tinha se revelado muito bom em seu trabalho. O próximo foi Vécio Valente. A tempestade que ele vira sobre Óstia finalmente o alcançava. Confessou, e logo foi executado. Depois foi a vez de um certo Traulo Montano, um jovem, talvez pouco mais velho que um adolescente, modesto e devastadoramente bonito. Tinha passado uma única noite no leito da imperatriz, mas isso não lhe valeu a misericórdia do imperador. Depois vieram Pompeu Úrbico, Saufeio Trogo, o senador Junco Vergiliano, Sulpício Rufo, dono de uma escola de gladiadores, e Décrio Calpurniano, chefe da guarda noturna. O chão estava forrado com os cadáveres dos ex-amantes de Messalina.

Naquele ponto, um ator subia ao palco. Mnester era a estrela mais brilhante de seu tempo. Calígula tinha sido um fã tão ardoroso que, por ordem sua, qualquer um que falasse durante as apresentações de Mnester era arrastado de seu assento e açoitado. Ele não negou ter dormido com Messalina; pelo contrário, alegou escandalosamente que ela o havia coagido, apontando que, diferentemente de seus corréus poderosos, ele não estava em posição de recusar a imperatriz. Para realçar seu argumento, rasgou a roupa que estava usando e exibiu à multidão as cicatrizes da escravidão que lhe cobriam o dorso. Cláudio hesitou pela primeira vez naquela tarde, mas Narciso insistiu com ele, argumentando que, ainda assim, Mnester havia dormido com Messalina, quer gostasse dela ou não. Então, Mnester também foi morto, e a comitiva do imperador retornou ao palácio para o jantar.

Do lado oposto da cidade em relação ao campo pretoriano, de volta aos Jardins de Lúculo, Messalina preparava sua defesa. A imperatriz não compartilhava do desespero que levava Sílio a pedir somente por uma execução rápida; estava certa de que, se seu marido pudesse escutá-la, se pudesse *vê-la*, ele não conseguiria ordenar sua execução. Messalina tinha certeza de

que, se implorasse, pedisse e negasse, o marido a perdoaria e esqueceria. De fato, tinha tanta certeza que seu temor já começava a se transmutar em fúria, e esta, em maquinações, dirigidas acima de tudo contra Narciso.

A confiança de Messalina não era totalmente despropositada. O jantar no palácio imperial estava na metade; o vinho corria solto, e Cláudio tinha atingido aquele estágio da bebedeira em que você acha que voltar com seu ex é uma boa ideia. Ele chamou um serviçal e ordenou que mandassem dizer “àquela pobre mulher” que viesse até ele na manhã seguinte se defender. Narciso começou a entrar em pânico. Ele percebia que a determinação de Cláudio já estava esmorecendo, e sabia que em pouco tempo o imperador terminaria de jantar e retornaria ao seu quarto – um quarto repleto, na suave luz da noite, de todas as lembranças mais prazerosas de sua esposa. Narciso saiu discretamente do salão de banquetes e levou um guarda consigo. A execução de Messalina precisaria acontecer naquela noite, ele disse. Ordens de Cláudio. Não havia tempo a perder.

Um grupo de soldados partiu do monte Palatino imediatamente, cruzando a cidade e começando as buscas pelos jardins. Messalina estava com a mãe, Domícia Lépidia. As duas não eram próximas, mas agora, na crise suprema de sua filha, a mãe estava lá. Conforme os soldados avançavam, Lépidia exortou a filha a não esperar, mas tomar o assunto nas próprias mãos e se matar para evitar a indignidade e a desonra de uma execução. O jogo havia acabado, disse ela. Restava a Messalina apenas mostrar coragem diante da morte. Messalina, porém, só conseguia ficar prostrada, chorando e se lamentando.

Foi assim que os soldados a encontraram. O tribuno se aproximou da imperatriz em silêncio, mas os insultos grosseiros berrados pelos outros finalmente a fizeram se dar conta da realidade de sua situação. Ela tomou a espada com as mãos trêmulas, trouxe-a à garganta, depois ao peito, depois novamente à garganta, mas não conseguiu concretizar o ato. No final foi o tribuno, cansado de vê-la titubear, que teve de matá-la.

Cláudio ainda jantava quando lhe chegaram as notícias da morte da esposa. O mensageiro não especificou se ela havia se suicidado ou sido assassinada, e Cláudio não perguntou. Não revelou uma gota sequer de emoção – nem tristeza, nem alegria, nem raiva nem pena. Moveu-se apenas para chamar um serviçal e pedir mais um copo de vinho.